

## A 1ª classe

Começo sempre um texto, isto é, chego sempre ao texto, esse abismo e esse sofá, a achar que quero ir para a escola, para a 1ª classe. Regresso pois, por hoje, à minha primeira classe, de que não guardo nenhuma recordação má, só boas recordações.

Aprendi a ler e a escrever no ano lectivo de 1966/67. Foi no Colégio do Sagrado Coração de Maria, na Manuel da Maia, em Lisboa. A professora era a irmã Maria Antonieta. Era uma mulher muito nova, bonita, fresca, doce e inteligente, muito simpática, séria, alegre e comunicativa. Usava hábito até aos pés. Perto dela cheirava a engomado e a lavado. Dessa primeira classe ficaram fotografias e o exame (o teste, o ponto, o exercício final) em que tive Muito Bom. Numa das fotografias, tirada pelo Carnaval, estou mascarada de saloia ao pé de outras meninas, também mascaradas, e da irmã Maria Antonieta. Diz-me a pastora Eva Michel que, na Alemanha, as regiões em que se festeja o Carnaval são católicas, nas zonas protestantes não se festeja o Carnaval. Os fatos tradicionais das zonas protestantes são escuros, pretos. Os das zonas católicas são garridos.

Portugal e eu, nos anos 60, na minha memória, somos muito essa fotografia do colégio das freiras: a irmã Maria Antonieta, vestida de freira e não mascarada de freira, e eu mascarada de saloia e uma saloia, uma pirosa para a minha prima Vera, para a Zé Botelho e para a dúzia de filhos e filhas de intelectuais portugueses que conheci ao longo do liceu. A verdade dessa fotografia fia fino: o fato de saloia era da minha prima Vera, filha do irmão da minha mãe, a tal presumida que me achava uma pirosa, uma saloia, esse fato, mais tarde, foi parar à minha prima Manelas, filha de uma prima direita do meu pai, que para a Zé Botelho dos quatro costados era uma pirosa. Não estou a dizer mal da minha prima Vera nem da Zé Botelho porque estou a dizer como elas eram (e como ainda devem ser, há anos e anos que levaram sumiço). O snobismo é um pecado gravíssimo. Marcel Proust escreveu sobre isso. As duas criaturas acima referidas eram de uma estupidez gravíssima porque são muito inteligentes. Têm 40 anos, têm 4 anos – são uns monstros. Não sabem o que fazem apesar das aparências em contrário. Envergonham-se da infância que tiveram, querem aparecer sempre como pessoas crescidas e perfeitas, só os tachos e os penachos contam para

elas. São extremamente vulgares: a maior parte das pessoas é assim. Mas deixo isto por agora.

Chegada a este ponto, recorrente nos meus textos em prosa, ocorre-me uma passagem de Maria Velho da Costa, do livro *Dores*, do conto “O Assassinato da Bela Seresma”. Transcrevo-a: “Fazia escritos memorialistas a roçar a denúncia de familiares e próximos, trabalhos de mão de algum mérito, ou pastosas ficções filosofantes sobre inomináveis delíquios. Dizia-se que estava crente, a serena Seresma.” Devo dizer que gosto muito deste conto. Seresma não morre: mata. Mas revelar isto assim anula o “suspense”.

Vou transcrever a seguir a minha redacção da “Prova de Passagem da 1<sup>a</sup> à 2<sup>a</sup> classe” (afinal é este o nome desse exercício escolar). O tema era “O que queres ser quando fores grande”.

“Eu quando for grande quero ser hospedeira do ar, para ver os passarinhos a voar de um lado para o outro, e para levar os passageiros e para voar sobre o mar e para ver os barcos de pesca, com as velas de todas as cores, etc.”

Nunca fui hospedeira, mas adoro andar de avião e adoro aeroportos. E, acima de tudo, gosto de cores, de todas as cores. Continuo a mesma.

A espertalhona sabidona quarentona que me lê diz: mas que querida que é esta Adília!

Que interesse é que isto tem para mim que fui ver *O Delfim*, o David Lynch, o Gilbert & George? E tu, rapariga de 90 anos que me lês, o que é que tu queres ser quando fores crescida? A Deus nada é impossível. Matusalém viveu 969 anos. O que é que te apetece fazer a seguir?

Na prova de Aritmética tenho os problemas bem resolvidos: o raciocínio e os cálculos estão todos certos. Transcrevo um dos problemas: “A mãe comprou um quarteirão de bananas. Os filhos comeram dúzia e meia. Quantas bananas ficaram?” Não sei se hoje as crianças sabem o que é um quarteirão.

Da prova de Aritmética faziam parte dois problemas e quatro contas. A última conta está mal. Em toda a prova não dei um único erro de ortografia nem de gramática nem de raciocínio e não há nada riscado. Mas não há bela sem senão. E eu transcrevo a bela e o senão. Transcrevo a conta errada:  $(5+5-2) + (3+4-3) = 3$ .

O desenho a lápis de cor que fiz ao alto da folha do teste tem uma igreja e uma menina, uma ao lado da outra, com o centro do desenho ao meio, a igreja à esquerda, a menina à direita. Além de igreja e menina, tem: o Sol, um pássaro a voar, flores, árvores e, por cima de tudo, a barra azul do céu. A data da prova é 31 de Maio de 1967.

Para rematar esta crónica escolho um dos meus poemas mais antigos, escrito aos 11 anos, publicado em “Minha terra, minha gente”, de Cristina de Mello e outros, Livraria Popular de Francisco Franco, Lisboa, 1976.

### A flor

Uma flor é uma coisa tonta.  
Uma borboleta presa por um pé  
Com mil olhos e mil asas que não voam.  
Uma flor escuta o vento e o pio do pardal.  
A flor é bela e tontinha, tontinha

Adília Lopes, “Cartas do meu moinho”, *Pública*, 5 de Maio de 2002, p. 8.